

BI

BOLETIM
INFORMATIVO

191

1º trimestre 2015

Delegações

Arte 6

Inauguração 10 | 11

Histórias de Vida 14 | 15

Sociedade 21

Livro de Bordo 26

Reflexão 27

**Solidariedade Activa
Melhor Qualidade de Vida**

Convocatória (AOS DELEGADOS)

Para cumprimento do disposto na alínea c3 do n.º 2 do Artº 31º dos Estatutos da ASSP, convocam-se os Delegados para uma Reunião Ordinária da Assembleia Nacional de Delegados, a realizar no dia 28 de Março de 2015, pelas 10.00, na Escola Secundária Pedro Nunes, Av. Alvares Cabral, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos

- 1 - Apreciação e votação do Relatório de Gestão e Contas do ano de 2014.
- 2- Adesão a: Associação Casas de Turismo Rural Porto/Vale do Românico.
- 3 - Informações.

Se à hora marcada não estiverem presentes ou representados mais de metade dos Delegados, fica a mesma marcada para meia hora depois, no mesmo local, com qualquer número de presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Nacional de Delegados

Convocatória (AOS ASSOCIADOS)

Para cumprimento do disposto na alínea c do n.º 1 do artº. 51º dos Estatutos da ASSP, convocam-se as Reuniões das Assembleias de Associados para definição das linhas de orientação a seguir pelos Delegados na reunião da Assembleia Nacional de Delegados marcada para 28 de Março de 2015, em Lisboa.

Se à hora marcada não estiverem presentes mais de metade dos associados da Delegação, fica a mesma marcada para meia hora depois, no mesmo local.

Os Presidentes das Delegações

Delegação	Data	Hora	Local
Açores	16/03	15.00	Sede
Algarve	17/03	15.00	Sede
Aveiro	17/03	17.00	Sede
Beja	17/03	15.00	Sede
Coimbra	18/03	11.00	Sede
Évora	17/03	16.30	Sede
Guimarães	18/03	15.00	Sede
Leiria	18/03	15.00	Sede
Lisboa	17/03	14.00	Sede
Madeira	16/03	18.00	Sede
Portalegre	19/03	17.30	Sede
Porto	17/03	09.30	Sede
Santarém	17/03	16.30	Sede
Setúbal	17/03	17.00	Sede
Viseu	19/03	15.00	Sede

SEJAMOS SOLIDÁRIOS!

CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS EM BENEFÍCIO DA ASSP

LEMBRE-SE: Uma das formas de todos nós podermos continuar a ajudar a ASSP, é procedermos à **consignação de 0,5% do nosso IRS** em seu benefício. Para isso, quando preencheremos a nossa declaração de IRS relativa a 2014, **no quadro 9 do Anexo H**, devemos colocar uma cruz em Instituições Particulares de Solidariedade Social e o número de contribuinte da ASSP (**501 406 336**) no espaço a isso reservado. O Estado entregará, depois, à ASSP, 0,5% do nosso IRS, **sem qualquer custo adicional para o contribuinte**.

Quadro 9 do Anexo H, do mod 3 do IRS

9	CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IMPOSTO LIQUIDADO (LEI Nº 16/2001, DE 22 DE JUNHO)											
ENTIDADES BENEFICIÁRIAS DO IRS CONSIGNADO						NIPC						
Instituições religiosas (artº 32º, nº 4)												
Instituições particulares de solidariedade social (artº 32º, nº 6)	X					901	5	0	1	4	0	6 3 3 6

Colabore nesta campanha solidária, convide outros professores e amigos, mesmo não associados, a aderirem também. Imprima este anexo e guarde-o junto dos seus documentos para o IRS; tire fotocópias e entregue-as ou envie-as por e.mail aos seus amigos. Podemos ter e desejamos agradáveis surpresas.

Ser solidário não custa, mas exige o nosso empenho!

Delegações

AÇORES

Praça da Autonomia Constitucional, 7, Paim
9500-787 Ponta Delgada
Tel./Fax 296 286 034
d.acores@assp.pt

ALGARVE

Rua Engº Aboim Sande Lemos, 14, R/C
8000-544 Faro
Tel./Fax 289 824 822 | d.algarve@assp.pt
Casa do Professor
Tel. 289 723 744

AVEIRO

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230 | Fax 234 348 446
Tlm. 963 767 425
d.aveiro@assp.pt

BEJA

Rua Infante D. Henrique,
Edf Escola Primária N.º 4
7800-318 Beja
Tel. 284 087 018 | Tlm. 960 195 118
969 172 537
d.beja@assp.pt

COIMBRA

Travessa dos Combatentes da Grande Guerra, 3
3030-181 Coimbra
Tel./Fax 239 483 952
d.coimbra@assp.pt

ÉVORA

Rua Chafariz D'El Rei, 31
7005-323 Évora
Tel./Fax 266 709 477 | Tlm. 967 804 246
d.evora@assp.pt

GUIMARÃES

Rua Alto da Bandeira, 23
4835-014 Creixomil
Tel./Fax 253 512 369 | Tlm. 967 532 787
d.guimaraes@assp.pt

LEIRIA

Av. Combatentes Grande Guerra, 65, 1º Esq.
2400-123 Leiria
Tel./Fax 244 813 492 | Tlm. 966 260 077
d.leiria@assp.pt

LISBOA

Rua D. Dinis, 4, I 1250-077 Lisboa
Tel. 213 700 330 | Fax 213 700 338
d.lisboa@assp.pt
Casa dos Professores
Rua Pedro Álvares Cabral, 150
2775-615 Carcavelos
Tel. 214 584 400 | Fax 214 589 128
casaprofessoresemcarcavelos@gmail.com

Ficha Técnica

DIRECTOR

António Amaro Correia

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Monte n.º 1

1170-253 Lisboa

Tel. 218 155 466 | Fax 218 126 840

info@assp.pt | www.assp.pt

PROPRIEDADE

Associação de Solidariedade Social

dos Professores

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Maria Moraes

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Sandro Costa

IMPRESSÃO

Finepaper

REDACÇÃO

anamasspbi@gmail.com

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS ASSOCIADOS

Inscrição na DGCS111841/86

Depósito Legal36086/90

Número Avulso0,40 €

Assinatura anual2,49 €

Tiragem (n.º exemplares)10 500

NOTA

A adopção do Novo Acordo Ortográfico é da responsabilidade dos autores.

Reformulação do site da ASSP

Tendo em conta que o aspecto gráfico do site da ASSP estava bastante desactualizado para os padrões actuais, foi criado um novo site, no mesmo endereço. Entre as muitas novidades, queremos salientar a existência de um micro site para cada Delegação, com conteúdos da sua responsabilidade.

www.assp.pt

Editorial

Onde está o horizonte?

A ASSP tem crescido numa forma consistente e sustentada. Se é importante o valor do património material, o seu valor imaterial e intangível, resultante do sonho e da consciência da força que somos e temos, é incommensuravelmente maior.

De um ponto de vista conceptual, horizonte é o limite do que é possível observar a partir da posição do Sujeito. Verifica-se, porém, que em muitos momentos do nosso quotidiano recorremos ao conceito de horizonte, não só para nos situarmos, mas também e principalmente para dizermos a que distância nos leva o nosso olhar.

É neste quadro que é pertinente perguntar a uma associação de solidariedade onde está o seu horizonte?

Temos consciência de que nada pode ser considerado como um dado absolutamente adquirido, dada a nossa condição de seres relativos/relacionais. E por que assim é, torna-se necessário que, a todo o tempo, nos interroguemos, identifiquemos e analisemos os pontos fortes e fracos, as oportunidades e as ameaças com que a nossa Associação se confronta. Felizmente que os factores internos, ao nosso alcance, são em maior número, de maior impacto e força que os factores externos. O nosso olhar pode levar-nos mais longe.

Quais são os principais desafios?

Pensar a ASSP como um todo, sem perda da identidade de cada Delegação.

Direccionar a comunicação e as acções para os Professores, sem esquecer os associados, tendo em vista o rejuvenescimento da Associação e tornando-a mais atractiva.

Reforçar e melhorar os serviços centrais, valorizando os já existentes, criando os serviços de comunicação e marketing à disposição das Delegações, harmonizando a gestão dos recursos humanos no conjunto da ASSP.

Afirmar a ASSP no contexto do ensino e das escolas, bem como perante a comunidade em geral será um outro grande desafio, de que o Congresso ASSP 2015 se fará eco, constituindo também uma demonstração da força e do trabalho desenvolvido ao longo destes 34 anos de existência.

Mas quem faz a traça da linha do horizonte são as pessoas porque só elas dão sentido ao tempo. O acto de se associar é partícula vital desse sentido e cada Associação é gene da espiral genética de cada sociedade.

MADEIRA

Rampa do Forte, 2 - Santa Maria Maior
9060-122 Funchal
Tel. 291 229 963 | Fax 291 282 546
d.madeira@assp.pt

PORTALEGRE

Rua Capitão José Cândido Martinó, 1
7300-295 Portalegre
Tel./Fax 245 331 612
d.portalegre@assp.pt

PORTO

Estrada Interior da Circunvalação, 3201
4300-111 Porto
Tel. 225 106 270 | Fax 225 104 629
d.porto@assp.pt

Núcleo de V. Nova de Gaia

Rua Paula Vicente, 30,
4400-243 Vila Nova de Gaia

SANTARÉM

Rua Luíz Montez Matoso, 38
2005-145 Santarém
Tel./Fax 243 322 212
d.santarem@assp.pt

SETÚBAL

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850 | Fax 265 719 851
d.setubal@assp.pt

VISEU

Rua 21 de Agosto, Edifício Viriato, BL 5A - 1º A
3510-120 Viseu
Tel. 232 449 099 | Tlm. 925 321 167
d.viseu@assp.pt

Sede



SEDE E SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Largo do Monte, 1 | 1170-253 Lisboa
Tel. 218 155 466 | 218 888 428
Fax 218 126 840
www.assp.pt | info@assp.pt
Seg. a Sex. 9.00-13.00h | 14.00-17.30h

LEITURA AMENA DOS LUSÍADAS

Quem se terá esquecido do verdadeiro suplício de Tântalo que era o dividir as orações, classificar os “quês”, para não falar na identificação dos deuses e das deusas e milhares de dados histórico-mitológicos que enxameiam Os Lusíadas?

Todas estas condicionantes eram motivo forte para um certo aborrecimento ou até mesmo algum “ódio” que os estudantes votavam à obra e concomitantemente ao autor.

Avançando no tempo e com outro olhar sobre as obras clássicas portuguesas que tinham caráter obrigatório nos programas curriculares do nosso ensino, foi com agradável surpresa que os associados da Delegação dos Açores revelaram interesse em voltar a mergulhar, agora de forma descontraída e entusiasmante nesta epopeia.



Então, com o propósito de corresponder a esta curiosidade e ao mesmo tempo desmistificar esse «ódio» ao poema que é um dos maiores hinos tecidos ao heroísmo do povo português, dispusemo-nos a percorrer o caminho e assim começou a “lusíada”.



A apresentação dos dados da vida e obra de Camões e as influências que sofreu, despertaram nos participantes uma tal empatia que os motivou à aquisição de um exemplar desta obra. A partir deste momento, o livro deixou de ser mais um livro que habita a estante e passou a ser um livro portador de significado, sentimento e valor afetivo.

Como tal, considerou-se necessário dissecar o que é esta epopeia, as suas características e importância no contexto da História do povo português.

O percurso começou mesmo com «as armas e os barões assinalados» e após dois anos, aprestam-se os navegantes a aterrar, ou melhor, a aportar à ilha dos amores.



Tudo feito em diálogo aberto, leitura de estâncias isoladas ou episódios, explanação de todos os possíveis pormenores onde, muitas vezes, as divagações camonianas dão origem a outras reflexões não menos «divagatórias».

Quase a chegar ao fim do percurso, cremos que o melhor foi o facto do grupo permanecer, embora alguns avós/alunos tenham que acorrer aos netos, outros a familiares, afinal tudo numa atitude de «solidariedade social», como é nosso lema.

De que valem as apreciações quando o que nos anima é a boa disposição e o que nos alimenta é o clima de abertura que prevaleceu e ainda prevalece na concretização desta atividade.



TARDES DE CINEMA

Na Casa do Professor, têm decorrido as Tardes de Cinema com sessões especialmente dedicadas ao nascimento da 7ª arte - desde os brinquedos óticos ao sonoro - no âmbito do Ano I. da Luz. Estas sessões centram-se no visionamento de *A História do Cinema - uma odisseia*, de Mark Cousins, com comentário de Margarida Afonso, autora do texto que ora publicamos.



O Cinema, arte da luz

Através dos efeitos de luz e sombra, foi possível ao homem abismar-se com o que viu - a folha que se agita projetada numa parede. Como se faz? Como se produz?

As sombras chinesas, há centenas de anos experimentadas na Ásia, davam uma resposta a essa questão. Na Europa renascentista, a câmara escura era usada como meio técnico para facilitar a reprodução do real. Mais tarde, nos sécs. XVIII e XIX, a lanterna mágica, o fantascópio, o praxinoscópio e o teatro ótico de Reynaud permitiam sonhar, imaginar e ultrapassar os limites físicos a que o espetador estava confinado. No séc. XIX, toda a explosão técnica e científica, nomeadamente a fotografia, veio permitir um enorme avanço na possibilidade de fixação da imagem. Muitas foram as experiências realizadas em muitos países que concorreram para o avanço da técnica que culminou com a criação do cinetoscópio de Edison e do cinematógrafo de Auguste e de Louis Lumière. "C'est Lumière

qui fit voir clair", pertinente jogo de palavras de Bessy e Duca sobre a autoria do cinematógrafo.

Em Dezembro de 1895, no Boulevard des Capucines, em Paris, ocorreu a primeira exibição pública do filme "*A saída da fábrica*" dos irmãos Lumière. Louis e Auguste fizeram jus à matéria do cinema, a luz, mesmo pela coincidência do seu nome.

O cinema é «a arte da luz», como refere Mark Cousins. A luz é a matéria fundacional do cinema. Mas sem os avanços científicos no campo da ótica não teria sido possível realizar filmes, fazer cinema. Os nossos olhos têm a capacidade da persistência retiniana, o que permite a sequencialização das imagens sem hiatos - 24 imagens por segundo é a unidade de velocidade do filme.

Os jogos de luz e sombra são uma forma de otimizar o que se quer mostrar, de criar emoção, valores metafóricos, evidenciar o real. Por outro lado, o cinema funda-se na ilusão, no movimento aparente, nos truques que a técnica propor-

ciona para nos mostrar o que se quer mostrar, sugerir ou contar.

O cinema é magia - faz-nos entrar nas histórias como personagens, faz-nos comover, identificar com esta ou aquela personagem, tomar partido num drama...

Os primeiros filmes eram documentais, focando temas do quotidiano. Nessa fase, surgiram também os primeiros *gags* ("*L'arroseur arrosé*"). A imagem em movimento provoca a ilusão do real e o espectador reconhece-se nas cenas do dia-a-dia. E aqui começa o fascínio do cinema.

Com Meliès, o cinema inaugurou uma nova dimensão: a ficção. Ao documentário juntava-se o produto da imaginação dos autores ou o reflexo do imaginário coletivo (os contos de fadas, por exemplo).

Mas o cinema estava ainda longe de atingir a maturidade que uma linguagem cinematográfica específica, progressivamente construída, lhe iria conferir, elevando-o ao reconhecimento como a 7ª Arte.

DANÇAR SEMPRE... PORQUE SEMPRE É BOM DANÇAR!

António Laginha
www.antoniolaginha.com



Ao longo de várias décadas de ensino (que me parecem tão diáfanas quanto a memória mo permite) muitas coisas mudaram numa área que, pela sua própria natureza, deve viver em constante e saudável evolução.

Desde logo quero evocar essa figura mágica e preñhe de significado: o professor. É, por assim dizer, um vocábulo que, desde a minha infância, me fez companhia e, sobretudo, me fez sonhar. E que, hoje, semanticamente falando, se desdobra em vários termos como formador, orientador, facilitador e outros. Os quais, inclusivamente, podem até desvirtuar alguns conceitos e os próprios objectivos do *métier*. Na verdade, a chamada “transmissão de conhecimento” foi alterando as suas competências e limites ao longo dos anos, sem nunca, porém, eu ter deixado de considerar a figura do “mestre” (na mais nobre acepção da palavra) como um bem raro e, naturalmente, de incomensurável valor para o indivíduo e para a sociedade. Desde cedo juntei na minha aprendizagem – invariavelmente acompanhada de muita curiosidade e algum questionamento – aspectos do foro académico e artístico, o que fez com que visse na maioria dos docentes que passaram pela minha vida alguém que, singelamente, vivia a partilhar saber, com talento e devoção. A pedagogia (genericamente vista como a ciência da educação ou, num sentido mais lato, como a arte de ensinar) é, no meu entender, muito mais do que uma missão que alguns abraçam com enorme sentido de honestidade e, quase sempre, com grande dose de humanidade. Trata-se, seguramente, de um dom que poucos possuem e que alguns procuram desenvolver com maior ou menor sucesso. Também pode ser vista como um percurso de contornos sentimentais, feito de opções e escolhos, na companhia de um ser invisível que nos inspira, impele e ampara. De uma espécie de “deus das pequenas coisas” que vai gerando força e motivação em indivíduos que, quantas vezes, mais não esperam do futuro do que poder ver alguns discípulos crescer tanto quanto a vida lhes permite... E, com eles, empreendimentos que se traduzem em realização pessoal e trazem orgulho a vidas e carreiras de sucesso!



Licenciado em Arquitectura pela ESBAL, António Laginha é formado em Dança pelo Conservatório Nacional, pela Juilliard School (BFA) e pela New York University (Master of Fine Arts). É doutorado em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Foi bailarino profissional no Ballet Gulbenkian, na Companhia Nacional de Bailado e em algumas companhias norte-americanas e membro fundador da Companhia de Dança de Lisboa.

É coreógrafo, investigador, professor e crítico de dança em jornais e revistas da especialidade, em Portugal e no estrangeiro.

Tem também trabalhado em produção e feito conferências numa base regular. Recebeu vários prémios, nacionais e estrangeiros, designadamente um da Associação Portuguesa de Escritores, e foi o fundador e dirige a única publicação regular de dança portuguesa, a Revista da Dança.

Actualmente lecciona no Centro de Dança de Oeiras e dirige o seu Núcleo de Pesquisa e Documentação de Dança, que também fundou.

Na qualidade de fundador do Centro de Dança de Oeiras (CDO) e, também, o seu director desde 2011, tenho tido oportunidade de não só nele ensinar mas, também observar quem ensina e, acima de tudo, os muitos indivíduos que entram como alunos e saem, muitas vezes, como amigos. No caso dos mais jovens, frequentemente, tudo começa numa boa relação com os familiares, que os incentivam e acabam por ter uma participação relativamente activa no processo de aprendizagem. Logo, de seguida, a troca de conhecimentos e afectos fazem o resto, gerando o bom entendimento com os docentes.

Tratando-se de um espaço de divulgação, ensino, criação e investigação na área da Dança, situado no Palácio Ribamar, em Algés, ele funciona como uma estrutura artístico-pedagógica que ainda envolve mais duas áreas que se prendem, respectivamente, com o passado e o futuro – a documentação e a pesquisa – e em que se procura uma forte transversalidade nos meios. Também serve de sede da Revista da Dança e do Núcleo de Pesquisa e Documentação de Dança. Procura-se que seja um ponto de encontro aberto e flexível para servir não só os moradores da zona e do concelho, como todos os que se interessam pela teoria e pela prática dos mais variados estilos de dança. Ou os que procuram, simplesmente, um espaço de lazer dentro da diversidade que, actualmente, a arte de Terpsícore nos pode aportar. Por isso, aí – em outro qualquer lugar – devemos dançar sempre... porque sempre é bom dançar!

VIAGENS CULTURAIS EM GRUPO



**O MELHOR E MAIS COMPLETO
CRUZEIRO NAS ILHAS GREGAS**
23 de abril a 2 de maio de 2015
1.865 € **



S. MIGUEL
23 a 26 de abril de 2015
675 € *



PICOS DE EUROPA
25 a 28 de abril de 2015
425 € *



**CROÁCIA, ESLOVÊNIA
E BÓSNIA HERZEGOVINA**
26 de abril a 3 de maio de 2015
1.475 € *



**CATALUNHA
DE GAUDÍ A DALÍ**
26 de abril a 3 de maio de 2015
875 € *



O MELHOR DA SUÍÇA E TIROL
30 de maio a 5 de junho de 2015
1.425 € *



**SÃO TOMÉ
E ILHÉU DAS ROLAS**
10 a 18 de maio de 2015
1.875 € *



**FESTIVAL ISLÂMICO
EM MÉRTOLA**
22 a 24 de maio de 2015
285 € *



NO KALAHARI!
COM O AUTOR GONÇALO CADILHE
20 de junho a 3 de julho de 2015
4.995 € *

* Preço por pessoa em quarto duplo.

** Preço por pessoa em camarote duplo interior.

Para mais informações sobre os programas, consulte o nosso site www.pintolopesviagens.com

CATÁLOGO 2015 JÁ DISPONÍVEL ONLINE E NAS NOSSAS AGÊNCIAS

(DES)EDUCAÇÃO E VALORES (DES)HUMANOS: UMA REFLEXÃO

Como educadores, pensar sobre os Direitos Humanos hoje exige que tenhamos conhecimentos e perspectivas fundamentadas, assim como consciência da interferência dos agentes de informação. Em pleno Séc. XXI a Educação vive uma panóplia de críticas, ameaças e forças, o que se traduz numa excecional exigência aos Educadores na sua intervenção sociopedagógica. Estes agentes têm que desenvolver uma ação paralela e repartida entre a Família e a Escola, em particular o Professor, desafio permanente que deveria ser motivador para bem de, e para, tod@s. O que nem sempre acontece.

Se considerarmos o panorama social, económico e político - nacional e internacional - importa que tenhamos em consideração a conjuntura refletida na ação dos meios de comunicação social, para que possamos estar atentos à averiguação da veracidade dos factos ou mesmo à manipulação informativa, o que é uma realidade incontestável ainda que lamentável. Mais se acrescenta a importância que as redes sociais e o mundo virtual cujo peso na vida de todos é incontornável. Neste último meio, a complexidade é enorme pelo que a filtragem da ação educativa para os Direitos Humanos é uma tarefa árdua por dois motivos, em primeiro: a diversidade na oferta informativa onde as fontes nem sempre são identificáveis ou mesmo fiáveis; em segundo: o desenvolvimento de uma banalidade do mal e da violência, o que não é facilmente controlável, mas que representa perigo para a construção de mentalidades, formação da Opinião Pública e para uma ação (mundial)

que se apoia na imagem e que pretende promover ações desviantes do seu verdadeiro significado, gerando “ondas” de violência culminando no terrorismo que a todos deve preocupar. Entenda-se que o mais gravoso neste cenário é a facilidade com que se geram opiniões e se levam a cabo ações de desrespeito pelos Direitos e Valores Humanos. Por exemplo, assistimos a uma gravosa ação de deseducação para o reconhecimento e respeito pela diversidade religiosa, nomeadamente pelas intervenções violentas de grupos extremistas. Estas geram desconfiança e acusações perante religiões e crenças, o que é grave, perigoso e fruto de ignorância. Assim, urge uma intervenção pedagógica, social e escolar, para a promoção do Direito à diversidade e sobretudo à Liberdade Religiosa. E mais uma vez, os meios de comunicação social e as redes sociais, apesar do seu poder junto das sociedades, nem sempre desempenham um papel que apoie a educação. Pelo que, todos os educadores deverão desenvolver a capacidade e uma

postura críticas, construtivas, na interpretação dos acontecimentos para educar para uma cidadania ativa e interventiva em prol dos Direitos de todos os Seres Humanos, livres na sua diferença.

E no ano em que se Comemoram os 70 anos da Libertação do Campo de Extermínio de Auschwitz (Polónia) não podemos deixar de refletir e debater a questão da Discriminação (pelas mais distintas motivações), que levou Hitler a matar milhões de Judeus, que os Jihadistas enunciam para decapitar todos os que consideram estar contra o Islão, enfim, os valores desumanos que se banalizam e precisamos combater nas ações educativas mais simples. Deixemos que a “Via Dolorosa” não seja mais do que os incontornáveis da vida e promovamos a Paz pela Educação.



Ana Cláudia Campina

Doutorada em Direitos Humanos, DEA História Contemporânea, Lic. em Ciência Política, Relações Internacionais e Professora



O ESPÍRITO DO TEMPO

"Há quem tenha medo que o medo acabe."

Mia Couto

No momento em que na Europa mergulhada na crise financeira e social se comemoram os 70 anos da libertação de Auschwitz, em que se perpetrou o ato de violência contra o Charlie Hebdo em Paris, em que das eleições na Grécia de 25 de janeiro de 2015 saiu uma coligação governativa aparentemente impensável, surge a interrogação da ressonância multidimensional destes acontecimentos, a nível coletivo e individual.

A interrogação conduz a uma elaboração reflexiva que, tudo questionando, remete para os valores universais como a liberdade, a igualdade, a fraternidade e para o seu significado no tempo presente face a um mundo interconectado pela globalização. Se o(s) seu(s) sentido(s) depende(m), arbitrariamente, dos contextos e das circunstâncias e não os transcendem, há implicações que tendem a reproduzir o reino do mal como inevitabilidade, como alguns indicadores do momento parecem apontar. Surge, pois, o paradoxo da responsabilidade, ou melhor, da falha na responsabilização política dos atores sociais situados nas esferas públicas e privadas da decisão, no seu alheamento dos interesses comuns de bem-estar social, para o qual é necessário ter presente a memória coletiva comum.

É na atual sociedade de comunicação global que o(s) individualismo(s) ganha(m) uma visibilidade crescente na relação da humanidade com a dualidade do bem e do mal, nas diferentes formas de expressão que reveste(m), impli-

cando a consciência da responsabilidade individual na construção da responsabilidade coletiva quando o bem que se mobiliza é apenas o que interessa ao ego pessoal. Somos, cada um na sua singularidade, o que somos, porque a teia da sociabilidade nos moldou. Com uns e com outros, na tribo ou clã a que pertencemos, na comunidade em que vivemos, aprendemos as formas de habitar e conviver que nos caracterizam. No passado, da História e das histórias, se geraram os valores e os princípios que impregnam o nosso ADN e nos conformam nas pessoas que somos, e emergem nas traduções que se elaboram, individual e coletivamente, das situações que se experienciam. Num caso e noutro, aprendendo a Ser.

E é nessa aprendizagem, sempre incompleta, porque a nossa condição assim o estrutura, que a natureza da nossa humanidade nos revela a potencialidade da construção coletiva em prol de um bem comum, ancorado na decência e na dignidade, as quais subjazem aos direitos e deveres a compartilhar, e em que a nossa essência de cordialidade, solidariedade, compaixão, liberdade e de procura de integralidade se manifesta em tênues, mas impactantes *flashes*, revelando que esta utopia pode ser no agora alcançada, porque, ainda que apenas num fugaz instante, cada um, a seu jeito, já a experienciou.

Quando se pensa no bem a alcançar, há que ter ciente que, em comum com os outros seres humanos e com outros seres que

existem no planeta, temos a Vida, e esta é o que nos corre nas artérias e veias, alentando a frágil e imperfeita humanidade comum. Só quando se tiver a capacidade reflexiva de se colocar no lugar do outro (condição e situação), se começará a perceber e a evoluir para a cidadania plena.

E é neste contexto, em particular no presente social, político e religioso de Portugal, que a reflexão nos faz emergir a intemporalidade do poema de Alexandre O'Neill, no desvelar dum forto identitário que cola com a crise:

" - Neste país em diminutivo...

-Respeitinho é que é preciso!"

A contemporaneidade do poema manter-se-á enquanto a consciência individual não se revir no respeito próprio e mútuo que nos devemos, porque tudo começa e acaba em cada um dos atores sociais, incluindo a coloração que se atribui às esferas privadas e públicas que se vislumbram. E, no vaivém entre o micro e o macro do social, tem de se salientar o papel de charneira que cabe à Escola Pública na construção, sempre em aberto, duma reflexividade crítica que acrescenta conhecimento e qualidade à consciência individual e coletiva.

"Realizando coisas justas, tornamo-nos justos, realizando coisas moderadas, tornamo-nos moderados, fazendo coisas corajosas, tornamo-nos corajosos."

Aristóteles

Maria José do Rosário

Mestre em Sociologia - Universidade Técnico de Lisboa

Diploma de Estudos Avançados em Sociologia - FCSH da Universidade Nova de Lisboa

Professora Adjunta aposentada do Instituto Politécnico de Beja.

CASA DO PROFESSOR

Amanheceu!

Que dia radioso!

O Sol iluminou toda a cidade e fez "Acontecer"!

Évora tem agora uma "Casa do Professor" com toda a dignidade que a palavra lhe confere. (...) É importante ter sonhos, ter memórias, ter sentires, ter amigos, ter espaços, ter cheiros..., viver o "Hoje" e o "Agora" com a dignidade sempre presente e, ainda, a Solidariedade que, nesta "Casa", não é palavra vã!

Parafraseando Miguel Torga, perante este enorme sonho tornado realidade por (...) Mulheres com garra e vontade, só posso mesmo dizer: ..."Rendo-me"!

Obrigada!

Florbela Barbosa - Associada nº18560

Sim, ACONTECEU! O sonho materializou-se neste dia, após um trabalho árduo para que a nossa Casa, a Casa de todos os professores do distrito de Évora, se apresentasse digna de todos receber.

Três momentos constituíram o programa da inauguração da Casa do Professor:

- **Cantos da Casa.** Recebemos quem nos visitou, do Porto, Aveiro, Leiria, Santarém, Lisboa, Setúbal e Beja, assim como de diferentes lugares do nosso distrito.
- **Todos p'rá Cozinha** – almoço em que muitos associados e amigos disseram presente.
- **Não Queremos Cá Fitas** – *Cante, Música e Poesia*. Intervieram elementos da Mesa e as bolhas do espumante andaram no ar...

A presidente da delegação começou por dizer: "**Nós Professores, do Distrito de Évora**, já estamos a Habitar o Futuro... mesmo antes do mês de Maio, data do Congresso ASSP 2015. **Este espaço**, a Casa do Professor, antecipa qualquer futuro que pudéssemos imaginar, há quatro anos atrás. (...) aqui e agora, direi que este caminhar (em direcção ao futuro) é o jeito que temos, na ASSP de Évora, de ser utópicas."

Futuro é ideia partilhada por outras colegas que também quiseram deixar o seu testemunho.



(...) A ASSP tem sido muito importante para mim, (...). Agora, com novas instalações, tenho a certeza que vai ser ainda melhor, pois há a possibilidade de realizar muito mais. Gostei muito da inauguração, tudo muito bem selecionado e organizado.

Maria dos Anjos Falcão – Associada nº 18711

(...) Vejo a Casa do Professor como ponto de encontro de várias gerações de professores que comunicam entre si e com a comunidade em que se insere. Ela viabiliza a realização de actividades várias – de lazer, culturais e de solidariedade, com grande empenho e profissionalismo dos professores.

Quitéria Baptista – Associada nº 19737

12 Milheiras e uma andorinha

Na cidade branca, numa travessa apertada, mora um bando de milheiras que aspiram voar para fora das muralhas e pousar num ninho antigo e desbotado a que se propõem dar um brilho novo de modo a cativar mais passadeira.

Já voam altaneiras e risonhas, ainda que a baixa altitude, mas ensaiam um voo mais alto.

Este bando é colorido como o arco-íris. Numa predomina um verde de esperança, noutras o vermelho de energia, noutras um azul de serenidade, noutras um amarelo vigoroso, um violeta melancólico, um rosa afectuoso, um bege doce, um magenta tímido, um laranja emotivo, um castanho de quietude, um anil de sonho e um ocre forte.

A apoiar este bando multicolor de milheiras, voa uma andorinha que as ajuda na busca da rota mais segura para poderem alcançar o novo ninho com êxito.

A casa do Professor é um espaço muito agradável que convida à partilha de bons momentos entre os sócios da ASSP, (...). Pode-se partilhar momentos festivos de alegria e boa disposição com as atividades ou, simplesmente, com um sumo fresquinho no fim de uma tarde de primavera ou verão, debaixo das árvores sombrias, (...). Esta obra continuará a crescer porque tem à sua frente pessoas que não baixam os braços perante qualquer desafio, em nome do Bem Comum.

Delfina Rosado – Associada nº 18497

“É ao Professor que cabe ajudar a edificar e a estruturar o pensamento e a postura das novas gerações, alimentando-as com saberes e valores. Uma profissão única porque os Professores são os verdadeiros escultores do Futuro.” Continuou: (...) esta **CASA DO PROFESSOR** é uma lufada de ar fresco, ao arpejo dos ventos que se fazem sentir (...) porque responde aos anseios e às necessidades de realização individual e colectiva desta classe profissional essencial, mas simultaneamente tão vilipendiada.”

A presidente desafiou os presentes a acompanhar a Direcção na caminhada que se inicia e na realização desta aventura pois “Esta casa é de todos quantos pensam que sem os Professores nada de bom será construído.”

Terminou: “**24 de Janeiro de 2015** é um dia importante de afirmação da energia da Delegação, parte integrante do todo que é a ASSP. Um instante para convivermos, cantarmos e também rirmos, como precisamos e gostamos de fazer. Estas horas que passámos em conjunto são o aperitivo para os três dias do Congresso ASSP 2015 e da comemoração do 34.º aniversário da nossa Associação.(...)”

Queremos realçar a presença de professores que ainda se encontram no activo:



... senti um ambiente descontraído. Fui recebida calorosamente por vários sorrisos, Emocionei-me quando entrou o grupo de Cante da ASSP. Pensei: eis uma boa forma de manter viva a cultura. Cantámos com eles. Tivemos um momento de poesia sobre Évora e o Alentejo, Houve silêncio enquanto tocavam os violinos.

Alguém andava atarefado para que nada falhasse nem faltasse: espírito de entrega, responsabilidade e preocupação com os outros.

Nos discursos finais reconheceu-se o excelente trabalho da delegação e o grande dinamismo que implementou em prol dos professores do distrito. (...)

Ainda em pleno exercício de funções, considero um privilégio, (...), termos um espaço de diálogo, (...) de encontro com professores que repartem experiências, onde usufruímos de múltiplas e variadas atividades. Obrigada!

Manuela Góis – Associada nº 18602

Temos uma Casa do Professor em Évora! É um orgulho saber que os nossos colegas que se aposentaram não assumiram uma postura de “missão cumprida”. Continuaram com o empenho, a dedicação e a capacidade de sonhar e vencer desafios que caracterizam os professores. A comunidade docente do distrito tem de estar grata por ter agora uma “casa de família”, onde pode discutir ideias, usufruir de formação profissional, social e humana. Uma casa assim já fazia falta. E está um mimo! Luminosa, acolhedora, alegre,

Lina Bolas – Associada nº 18607

A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA

Em matéria de direitos humanos é recorrente procurar determinar quais os valores que se consideram universais, independentemente dos povos, religiões, crenças, costumes ou sistemas políticos. Invariavelmente, seja qual for a latitude, uma das respostas centra-se sobre os limites do sofrimento do Homem. E a convicção generalizada é de que nenhum ser humano deverá desprezar ou causar sofrimento ao seu semelhante, sob pena de anular e perder a consciência da sua própria humanidade.

A capacidade de conservar viva a memória de acontecimentos passados é uma das faculdades mais importantes do ser humano. Expressar essas recordações é também uma das propostas que a arte vem manifestando, de modo diverso, ao longo dos tempos. Entre as várias formas, o testemunho, directo ou indirecto, – revelado pela convicção das palavras, pronunciadas ou escritas, e reforçado ainda pelo poder das imagens – é, sem dúvida, um dos que produz maior impacto.

Ora, se, de algum modo, a finalidade da arte for a de realçar o valor da vida, porque é que o homem é induzido a criar uma arte inspirada pela ameaça constante da morte sem sentido?

No caso específico da imaginação do artista que se confronta com a memória do Holocausto, este nunca será livre de criar uma realidade autónoma. Ele encontra-se, literalmente, limitado pelo acontecimento, pela história do horror, pela massa de mortos anónimos que impõem uma responsabilidade particular ao talento do escritor ou do pintor.

Quem não se mostrou indiferente e traçou a carvão imagens da infâmia dos homens foi a pintora alemã Lea Grundig. Num dos seus mais poderosos relatos visuais sobre os campos da morte – *Treblinka* (1943-44) –, a artista fixou o desespero dos inocentes no seu encontro com a morte. Esse momento atroz é mostrado sem concessões, numa visão de inaudita crueldade e, ainda assim, ninguém poderá sequer imaginar o sofrimento daqueles que foram condenados a morrer antes do tempo.

O medo instala-se, depois de encerrada a porta. O terror empurra os corpos despidos uns contra os outros; estampa-se em cada rosto, espalha-se pelos membros e paralisa todo o corpo. Entrecortando o ar envenenado, soltam-se de gargantas que ardem orações fervorosas, palavras murmuradas, insultos impotentes, gritos de desespero. Em breve, a atmosfera tornar-se-à irrespirável e o oxigénio abandonará cada uma destas formas humanas indefesas, encurraladas

nesses matadouros industriais e prosseguindo a sua viagem sem regresso. Mais tarde, a memória do que foram escapar-se-à pelas altas chaminés, transformada em fumo e cinza, dispersa por ventos de esquecimento.

Ao espectador que contempla semelhante obra é dada pouca possibilidade para efectuar um juízo isento ou uma síntese emocional positiva. Com efeito, a *insustentável leveza* do tema exclui o prazer, frustra a alegria, intensifica a dor, gera o remorso, acentua a melancolia e o desespero. O processo de reconhecimento que liberta gradualmente em nós uma resposta criativa ao trabalho realizado, processo que ocorre quando contemplamos a maioria das obras de arte, não se opera nestas circunstâncias.

Contudo, se não pudermos entender esse sofrimento, procuremos, pelo menos, respeitá-lo. Os artistas que fixaram a memória desses dramáticos acontecimentos conservaram o seu sentido de dignidade, residindo aí, em grande medida, a força que os manteve vivos.

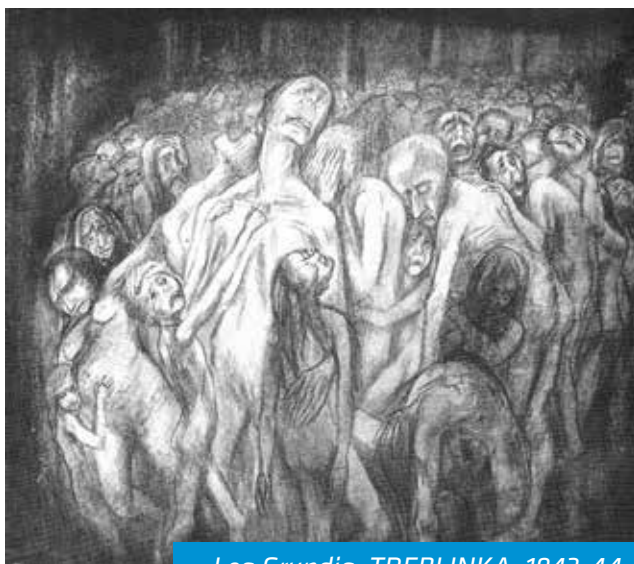
A arte do Holocausto reflecte a necessidade de testemunhar. O objectivo dos nazis era extinguir fisicamente seres humanos, assim como ocultar a prova das suas atrocidades.

A existência destes registos ajuda-nos a imaginar o inimaginável e a perpetuar a memória dos que morreram no massacre.

Prémio Nobel da Paz e escritor de grandes convicções é o sobrevivente de Auschwitz, Elie Wiesel. Testemunhou a barbárie e expressou-a, de modo a que ninguém ficasse indiferente ao sofrimento do ser humano. No seu livro, *Palavras de Estrangeiro*, afirma porque se obriga a reviver o passado:

“Porque escrevo? Talvez para não enlouquecer. Para arrancá-los do esquecimento. E ajudar assim os mortos a vencerem a morte.

Este contraste entre a criação divina e a crueldade humana é



Lea Grundig, *TREBLINKA*, 1943-44

visível em toda a parte onde imperava a lei nazi de cumprimento da solução final: aqui como algures, em Birkenau como em Treblinka, Majdanek ou Buchenwald, os teóricos e os técnicos do terror colectivo operavam não no horror mas na harmonia. [...] Não havia céu nestes lugares inomináveis. A máquina bem ajustada mata o pensamento antes de aniquilar a vida.

Fiz tudo. Infelizmente não é o bastante. Vi coisas demais na minha existência para não me importar. É-nos impossível evitar o nosso próprio sofrimento, mas compete-nos dar-lhe um sentido combatendo o alheio. O sofrimento não confere ao homem nenhum privilégio, tudo depende do que ele faz do sofrimento; se ele o usa, como tantos outros o fizeram, para propagar o sofrimento, o seu é mentiroso.”

Uma civilização sem consciência e sem memória está condenada a não cumprir o futuro. Em grande medida, como escreve Elie Wiesel, o maior problema das sociedades contemporâneas “[...] reside na indiferença. Agimos como se estivéssemos em segurança.”

Pedro Miguel Ferrão

CANTE - O SEU A SEU DONO

A UNESCO aprovou o Cante Alentejano como Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Há pouco mais de um ano, a Delegação de Évora manifestou ao Mestre Joaquim Soares, um dos fundadores do grupo Cantares de Évora, o seu interesse em ter um grupo de Cante ensaiado por este grande impulsionador do património oral alentejano.



O Grupo de Cante ASSP Évora, na sua actuação em Junho 2014

A resposta foi imediata e mais do que generosa. Desde então a Delegação de Évora conta com este Mestre do Cante, sempre disponível e disposto a partilhar o seu saber.

Conversámos com o Mestre Joaquim Soares que, como habitual, de coração nas mãos, respondeu a algumas interrogações.

ASSP Évora (A.E.) – O Cante cadenciava os trabalhos agrícolas e o percurso em direcção aos campos.

Hoje a agricultura encontra-se mecanizada utilizando pouca mão-de-obra.

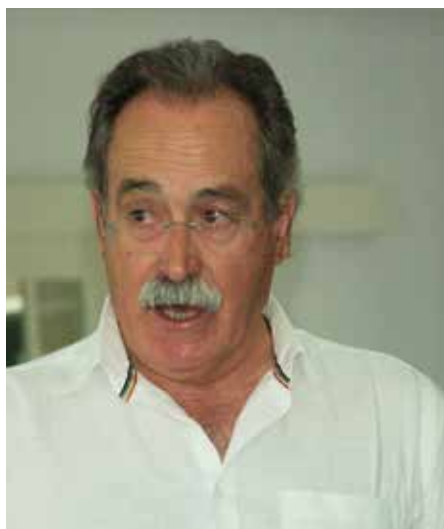
Como explica o interesse crescente por este tipo musical?

Joaquim Soares (JS) – O Cante, antes de tudo, sempre quis ser a expressão de sentimentos e de uma certa poesia popular. Não havia nada, e ainda hoje, pouco mais há, para a população agrícola.

Homens e mulheres sempre cantaram, no Alentejo, o Cante.

Durante alguns anos as mulheres cantavam, em casa com as crianças. No meu caso comecei assim. Ouvia os grupos organizados nas adegas e também na cozinha... a influência do meu avô foi grande.

Neste momento todos estão mais atentos à preservação das tradições. Já não há pudor em fazê-lo. Os jovens começam a aderir e já não se envergonham por integrar grupos de Cante.



A.E. – E qual foi o seu percurso, desde miúdo, até aqui?

J.S. – Muito atribulado e variado. Sou de Beja onde vivi muitos anos. Depois foi um salto até Évora onde desenvolvi a minha actividade

profissional, para sobreviver, pois não se vive do Cante.

Até que um dia, à experiência, abri uma tasquinha com petiscos e Cante na Feira de S. João. Caiu por lá um mar de gente! Nunca mais parei.

Dei outro salto até ao espaço que ainda hoje os Cantares de Évora ocupam, nos Celeiros da EPAC, na cidade. Aqui se cruzam o Cante e a Gastronomia.

Aqui se encontram dois entusiastas do Cante que constituem uma dupla sem a qual não havia Cantares de Évora.



Jerónima e Joaquim Soares

A.E. – Ultimamente, tem havido, novidades...

J.S. – Mais recentemente os saltos foram de outra ordem. Cantares com a Academia de Música, Cantares com a Ronda dos Quatro Caminhos, Cantares no CCB, Cantares em S. Carlos, O Cante e Piano com Amílcar Vasques-Dias... e tantos outros projectos que permitem acreditar que o Cante não vai desaparecer.

Neste contexto o reconhecimento pela UNESCO do Cante como Património Imaterial da Humanidade é fundamental, mas não basta.

As entidades que movimentam a cultura já entenderam o que é o Cante. Cabe-lhes agora criar as condições para a sua divulgação e o seu crescimento.

A MINHA VIAGEM À ÍNDIA

“Despi-me, então, do meu olhar europeu e tentei descortinar a identidade própria daquela vivência”

Conhecer a Índia *in loco* não estava propriamente nas minhas prioridades de viagens antes de ter sido despertada por Alberto Moravia, ao confrontar-me com um extracto da sua obra “Uma Ideia da Índia” em que afirmava: “A Índia é um continente em que são dignos de interesse, sobretudo, os aspectos humanos. (...) A aventura política, social, religiosa e artística daquele ramo da estirpe nórdica que, em vez de se dirigir para a Europa, desceu ao subcontinente, é plena de fascínio e de ensinamentos para os europeus. Diríamos mesmo que se não pode compreender por completo a civilização europeia se não se conhecer a Índia.”

O facto de pertencer à ASSP (Delegação de Évora) facultou-me o acesso ao seu Boletim Informativo, através do qual tive conhecimento das Viagens de Autor (divulgação que resultava de uma parceria VPL/ASSP). A escritora Raquel Ochoa era quem iria dirigir esta visita à Índia e ela havia ganho o prémio Agustina Bessa Luís com a obra “A Casa-Comboio”, versando tematicamente aquele subcontinente. A forma como esta autora apresentava o percurso idealizado para se conhecerem todos os lugares onde a presença portuguesa alterou a cultura local e cujas marcas ainda persistem (em termos de língua, religião, gastronomia) não

Maria da Graça Cardoso Luís David de Morais (Prof^a Auxiliar de nomeação definitiva do Departamento de Sociologia da UÉ/Aposentada)

Doutorada em Sociologia (Especialidade Demografia) – Universidade de Évora.

- Membro (Integrado) Colaborador do CIDEHUS (Aposentada)
- Membro do Conselho Consultivo da Associação Portuguesa de Demografia
- Membro do Conselho Científico da Revista Almansor
- Consultora do Projecto *O Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Alentejo: salvaguarda de uma memória histórica assistencial*

deixou também de ter peso na minha opção. Parti, assim, para esta “aventura” de cerca de 18 dias (Dezembro 2013) em busca daquela identidade ancestral assente numa cultura milenar.

O primeiro confronto com a Índia profunda ocorreu em Bombaim: a semelhança com qualquer cidade europeia aconteceu apenas no interior do hotel. No exterior, as ruas estavam organizadas segun-

do um “caos ordenado”, onde circulavam, em conjunto, e guiados apenas pelos sinais sonoros codificados das buzinas, os automóveis, riquexós (*tuck-tucks*), bicicletas, peões e vacas (na sua condição de sagradas, têm sempre prioridade).

Despi-me, então, do meu olhar europeu e tentei descortinar a identidade própria daquela vivência. Acabei por me sentir bastante confortável e pude tirar o maior proveito



Igreja de São Caetano



Hampi -Templo Vitthala

da estadia e das múltiplas visitas (Mercado Crawford, Gateway of India, Raj Bhavan, etc.)

Os dias passados em Damão, Diu e Goa possibilitaram um contacto directo com comunidades indo-portuguesas – apreciámos a manutenção de uma certa identidade que subsiste apesar de os laços com Portugal serem relativamente ténues (bairros com ruas de denominações portuguesas; uma conversa em português, aqui, é sempre motivo de grande regozijo e simpatia!). Na Velha Goa são bastante notórios traços da presença portuguesa, especialmente os ligados à Igreja Católica (ficou conhecida como “Roma do Oriente”). Também a história recente pôde ser seguida: a visita ao Forte de Tiracol (outrora parte importante das defesas marítimas portuguesas) remeteu-nos para os últimos episódios do fim do Império na

Índia, ocorridos em Agosto de 1954.

O segundo e último contacto com a Índia profunda ocorreu em Hampi, onde chegámos depois de quatro horas memoráveis de viagem de comboio. Cidade hindu com um complexo de templos monumentais, dedicados às divindades que formam a trindade hindu: Brama, Xiva e Vixnu. São de grande beleza, onde a natureza está presente em convívio com os humanos: existem neles grande quantidade de macacos, esquilos e periquitos. Aqui pode-se usufruir, ainda, de um magnífico pôr-do-sol.

O término da viagem deu-se em Cochim onde se pôde contemplar a igreja católica mais antiga, construída pelos portugueses, assistir a uma representação característica do Teatro de Kerala e visitar a sinagoga renascentista.

O que aqui fica escrito é quase nada face ao muito que visitámos ao longo da estadia. O facto enriquecedor de termos sido acompanhados pela escritora Raquel Ochoa, que tem da Índia um conhecimento profundo, foi, sem dúvida, uma mais-valia.

AÇÕES DE FORMAÇÃO ACREDITADAS PELO CCFCP

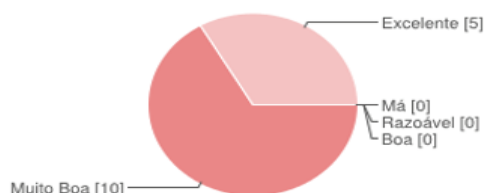
A Delegação de Guimarães tem promovido diversos cursos de formação acreditados pelo Conselho Científico da Formação Contínua de Professores, em colaboração com o Centro de Formação Francisco de Holanda, sediado na Escola Secundária Francisco de Holanda, em Guimarães. Temos procurado ir ao encontro dos interesses dos professores, diversificando os temas abordados, bem como os horários de funcionamento das formações.

O primeiro curso a ser lecionado na nossa sede, foi o curso de formação, de 25 horas, designado *Filosofia para crianças: fundamentos, métodos e práticas*, destinado a docentes do 3º ciclo do Ensino Básico e a docentes do Grupo 410 do Ensino Secundário. Este curso vai atualmente na sua terceira edição, e tem funcionado aos Sábados.

Outro curso de formação que ministramos, também ele de 25 horas, dedica-se à temática das *Dificuldades de Aprendizagem*



9. Como avalia, globalmente, esta Ação de Formação?



Má	0	0%
Razoável	0	0%
Boa	0	0%
Muito Boa	10	67%
Excelente	5	33%

Específicas: conhecer e intervir, e destina-se a todos os professores do Ensino Básico. Este tem funcionado em horário pós-laboral, estando a decorrer a segunda edição.

Por último, encontra-se ainda a decorrer o curso de formação Escola e comunidade: *Redes colaborativas no concelho de Guimarães*, funciona aos Sábados e destina-se a professores de todos

os níveis de ensino e grupos de recrutamento. Este curso conta com a participação de diversos formadores, convidados, das instituições locais.

Por último, de acordo com a avaliação dos formandos das edições já finalizadas, num total de 34 professores, as formações têm-se revestido de uma componente teórico-prática pertinente, atual e de grande utilidade para a atividade profissional de cada um. Segundo estes, de uma forma geral, as sessões têm sido participadas, com momentos de partilha e reflexão, respeitando o rigor científico e académico sobre as temáticas abordadas.

A formação assume-se como uma área estratégica no desenvolvimento da nossa Delegação e, sobretudo, na aproximação aos professores que se encontram no ativo, pelo que este investimento é para continuar.

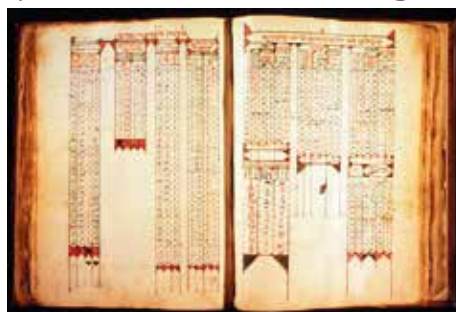


CULTURA JUDAICA EM LEIRIA

Do passado...

A TIPOGRAFIA JUDAICA DE LEIRIA

Há 519 anos acontecia em Leiria (25 de Fevereiro de 1496) um acontecimento de capital importância: era impressa a primeira obra de cariz científico em Portugal. Trata-se do conhecido “*Almanach Perpetuum*” do judeu salamanquenho Abraão Zacuto, consagra-



do astrónomo e matemático na Europa Ocidental da segunda metade do século XV, compondo a obra um conjunto de tabelas de orientação pelos astros e um calendário, que o próprio Gama terá usado para chegar à Índia.

O evento ocorreu numa oficina tipográfica pertencente ao judeu Samuel d'Ortas e contava com a importantíssima colaboração de um dos seus filhos, Abraão d'Ortas, principal responsável por este trabalho, e o local provável da dita oficina não se situava na Rua da Tipografia, mas na que hoje se designa de Latino Coelho, local onde terá continuado a laborar.

Mas a ligação entre Leiria e esta nova e revolucionária arte já existia. O estudioso leiriense Américo Cortez Pinto (séc. XX) afirmou que, muito antes do surgimento da Tipografia em Portugal segundo os processos utilizados por João de Gutenberg, já teriam existido oficinas xilográficas na cerca

do Castelo, promovidas pelos frades de Sta. Cruz de Coimbra. Cortez Pinto defendia ainda que Leiria teria sido o berço da primeira tipografia portuguesa, mas hoje colocam-se outras possibilidades e as obras impressas antes do “*Almanach*” eram todas de carácter religioso, particularmente de culto hebraico.

Quanto à origem da família dos Ortas, supõe-se que seriam judeus franceses provenientes da cidade de Orthez, entretanto fugidos às perseguições promovidas por Francisco I, aquando do édito de expulsão daquele povo. Mal sabiam os Ortas que no final daquele ano lhes calharia nova perseguição, agora a mando dos esbirros de D. Manuel I.

Mas para que tal campanha se concretizasse era preciso papel. Onde iriam buscar o papel? Nada mais fácil. Em 1411, enquanto nomeava a “entourage” que o suportaria no poder, D. João I autorizou por Carta Régia a implementação de um moinho para fabricar papel em Leiria, a um tal Gonçalo Lourenço de Gomide, bisavô de Afonso de Albuquerque, homem da Corte do Rei, seu escrivão de puridade, natural de Castelo de Vide, no Alto Alentejo, região onde se refugiou a aia Tereza Lourenço, mãe do Mestre de Avis.

Seria o apelido Lourenço coincidência ou revela laços familiares entre o Rei e o fidalgo?

Camilo Fialho Barata
(Professor aposentado)



... ao presente

Este painel, homenagem da Câmara Municipal a Américo Cortez Pinto em 1971, pode ser visto nas traseiras da Igreja da Misericórdia, construída em 1544 sobre o local da sinagoga, núcleo da antiga judiaria, que corresponderia ao coração do actual centro histórico.

E a Igreja poderá ganhar nova vida e sentido, se se concretizar o projecto camarário de aí instalar um Centro de Diálogo Interculturais que incluirá a recriação da “Tipografia da família Orta”.

O Município de Leiria integra a Rede de Judiarias – Rotas de Sefarad, e este é um dos projectos que visa a valorização da identidade judaica portuguesa. No mesmo sentido, teve início em 25 de Janeiro um ciclo de concertos de música judaica, promovido pelo Orfeão de Leiria.

“TALENTOS ESCONDIDOS”

Habituaados que estamos à figura do professor circunscrito ao seu saber na sala de aula, não imaginamos quão talentosos eles podem ser noutras áreas.

Hoje trazemos poesia, com a promessa de dar a conhecer outros talentos escondidos dos associados de Lisboa.



Foi no dia 21 de Dezembro de 2014, numa sala do Desassossego, que Maria da Conceição Delgado apresentou o livro de Maria Lídia Pires, “Pensando em ti”.

Como já o havia dito no texto de apresentação:

“Esta porta aberta da vida de todos os nossos dias” leva-me a pensar a autora quando diz: “Cansada de enfrentar a realidade (...) / levo dias sem fim a meditar ...”. Narra um mundo de dádiva, com uma força de imagens entre o desalento e a consolação, acabando por o demonstrar: *E a tua mão na minha, docemente, / Tu pões, e nesse amor que assim me encanta, / Quero viver esquecida para sempre...*”.

TUA MÃO NA MINHA

*Cansada de enfrentar a realidade,
Triste e só na jornada de encontrar
Meu ser na vida e toda a liberdade,
Levo dias sem fim a meditar...*

*Salta à minha volta o gafanhoto,
Esvoaça a avezinha alegremente,
E a formiga sempre a trabalhar,
Atrai-me a atenção profundamente...*

*Mas a dor em meu peito é tão
sombria
Como possantes são os dedos
fortes,
Que a arrancam, de vez, sem
evasivas,*

*E a tua mão na minha, docemente,
Tu pões, e nesse amor que assim
me encanta...*

*Quero viver esquecida para
sempre...*

*E assim te deixo, querida Lídia,
as minhas sentidas palavras,
dando a liberdade ao leitor para
avaliar os teus poemas.*



Dália Lorenzo, nossa Residente em Carcavelos, escreveu o livro “Cantigas de amor e não só...” do qual apresentamos o poema

BUCÓLICA

*Deixa-me amar-te
Assim
Devagarinho,
Discretamente,
Quase envergonhada.
Deixa, que em cada dia
A minha mente
Repouse em ti
De noite à
Madrugada!
Depois, tu passarás
Sóbrio e galante
P’ la minha vereda
Almofadada
E eu serei, humildemente,
Uma simples urze
Envergonhada.*



28º ANIVERSÁRIO DA DELEGAÇÃO DE LISBOA

No dia 11 / 2 pelas 15h vamos comemorar mais um aniversário, na Casa Albarraque Costa, com uma merenda-convívio, variedades e a alegria do costume!...

Até Junho, um abraço dos Associados de Lisboa.

**A propósito de
talentos, venham
mostrar os vossos, no
Congresso, em Évora.
Para mais informações
contactem-nos
d.lisboa@assp.pt**

NOTA: Texto não redigido ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico.

ENVIE-NOS O SEU ENDEREÇO ELECTRÓNICO

SAÚDE ORAL NA TERCEIRA IDADE

Quais são as patologias orais mais frequentes nesta fase da vida?

As periodontopatias (doenças nos tecidos de suporte e sustentação dos dentes) constituem uma grande parte dos problemas orais na terceira idade, seguidos pela cárie dentária.

Nos idosos existe uma recessão fisiológica da gengiva (retracção) expondo parte da superfície radicular do dente, tornando-o assim mais susceptível à cárie dentária.

Por que razão muitos idosos se queixam da sensação de boca seca?

As pessoas normalmente estão continuamente polimedicadas devido a várias doenças ocorrendo um decréscimo da produção salivar e/ou sensação de secura bucal.

As radiações e a quimioterapia também contribuem para tal situação.

Qual a relação entre as doenças periodontais e patologias sistémicas como o enfarte do miocárdio, doença coronária e diabetes mellitus?

Segundo alguns estudos, existe uma relação directa entre a presença de diabetes e um maior risco de doença periodontal.

Os diabéticos descompensados metabolicamente apresentam muitas vezes boca seca e ardência buco-lingual.

Em relação à doença coronária e enfarte, tudo aponta para que a doença periodontal seja um factor de risco acrescido para estas patologias.



Uma higiene oral adequada e a visita regular ao seu médico(a) dentista ajudarão a minimizar estes riscos.

O uso de uma prótese removível desajustada pode causar problemas?

A estomatite protética é uma das várias lesões que podem surgir na mucosa oral em portadores de prótese desajustada, aliado ao seu uso contínuo (durante o sono) e à higiene oral deficiente.

Na maioria dos casos existe colonização da mucosa de suporte por um fungo denominado *Candida Albicans*. Normalmente apenas 10% dos doentes apresentam sintomas.

Podem aparecer também outras lesões que estão associadas ao uso da prótese tais como queilite, úlceras traumáticas e hiperplasias fibroepiteliais.

Os implantes osteointegrados são considerados a terceira dentição. Quais as suas vantagens para o idoso?

Com a colocação de implantes, o doente melhora a sua auto-estima, a comunicação interpessoal torna-se mais eficiente (eliminando o medo da prótese “saltar”), a

mastigação torna-se mais eficaz pois é possível triturar melhor os alimentos recebendo assim o estômago um bolo alimentar processado, reduzindo muitas gastrites.

Ao contrário das próteses removíveis, os implantes evitam a reabsorção óssea dos maxilares.

Que cuidados deve ter o idoso diariamente?

- Escovar os dentes três vezes por dia com um dentífrico fluoretado, não omitindo a escovagem da noite. Neste período (da noite) existe uma diminuição da produção de saliva (já acentuada nos idosos) favorecendo o aparecimento de cáries e doença periodontal (no caso de má higiene).
- Limpar os espaços interdentários utilizando o escovilhão ou fio dentário.
- Escovar a prótese com uma escova própria.
- Consultar o profissional de saúde oral de seis em seis meses.

No caso de dependência, a pessoa idosa deve ter ajuda para a manutenção da higiene oral.

Dalila Jardim Fernandes

Médica-dentista

maria-fernandes@netmadeira.com

O EDIFÍCIO DA SEDE DE PORTALEGRE ESTÁ PAGO

A Associação de Solidariedade Social dos Professores é uma organização onde a unidade se deve conjugar com a desigualdade.



Há desigualdade entre o Norte e o Sul, entre o Interior e o Litoral mas é com esta variedade que ela se enriquece e que tem uma expressão válida a nível nacional.

É uma Instituição que promove a solidariedade onde a prestação de serviço público em voluntariado tem a sua máxima expressão cívica.

Contribuindo para o enriquecimento da ASSP, a Delegação de Portalegre, em tempo oportuno, adquiriu a sua Sede. Esteve sempre presente a necessidade de arranjar apoios para que o aumento do património da ASSP fosse realizado com os menores encargos financeiros possíveis.

Assim, 60% dos custos totais da Sede foram da responsabilidade exclusiva da Delegação e das suas iniciativas junto do Poder Central. Para a parte restante, foi contraído um empréstimo a 12 anos que foi pago pelo Orçamento Nacional da ASSP e com compartições, sempre que possível, da Delegação de Portalegre.

Finalmente, 12 anos volvidos, a Casa da Delegação de Portalegre encontra-se totalmente paga. Trata-se de uma Sede que dignifica a nossa Associação. É TEMPO DE FESTA!

Uma Delegação do Interior conseguiu, assim, aumentar o património da ASSP.

Ponte de Sor é notícia

Realizou-se no passado dia 22 de Novembro, no Centro de Artes e Cultura em Ponte de Sor, uma exposição de Pintura e Escultura da responsabilidade do Atelier de Pintura desta Delegação.



Na abertura, o Coro da Delegação de Portalegre abrilhantou o momento.

Com esta iniciativa, pretendeu-se dar a conhecer a ASSP para,

posteriormente, se realizarem contactos com as escolas.

Ao abrigo do Protocolo assinado com a *Casa Residencial da Ponte*, em Ponte de Sor, o Coro da Delegação foi cantar as Janeiras nesta Instituição. Foi uma tarde inesquecível, onde o calor humano esteve bem patente. Os residentes da Casa da Ponte apresentaram, igualmente, o seu Coro o que evidencia bem o empenho que a Direção desta Instituição de excelência tem pela ocupação dos seus residentes em iniciativas culturais. Esta Casa e a Delegação de Portalegre continuam de parabéns pela realização de um protocolo ao abrigo do qual já se encontra uma nossa associada.

Almoço dos Reis

Teve lugar, como habitualmente, todos os anos a realização do Almoço dos Reis. É mais uma oportunidade de encontro dos associados e amigos da Delegação para, num são convívio, desejarem um Bom Ano que então se inicia.



Atividades da Delegação

Estas serão explicitadas na Folha Acontecer.

Vivemos dias dolorosos, depois, como reacção, dias cheios de emoção, dessa forte emoção que reúne mesmo até as famílias mais desunidas quando a infelicidade as toca. Sempre a mesma constatação: só reagimos em conjunto, numa união forte, emocionada, quase construtora, se for em reacção. Sim, a França, numa triste manhã, acordou Charlie! E não só a França. Em todos os países ditos ocidentais, houve testemunhos de simpatia, reuniões de pessoas, por vezes manifestações.

Toda a gente queria ser Charlie e o mundo inteiro testemunhava a sua emoção, muitas vezes sem saber o que era sensato apoiar ou defender ... Foi preciso uma horrível matança para que tenha sido dito aos Franceses que estavam “de novo unidos” como o diz a maior parte dos políticos deste país. Teriam querido poder dizer, sem nenhuma dúvida, que a França era “uma”, aquilo que eles desejariam que fosse esta velha entidade territorial. Eles quiseram, conscientemente, ou não, que se confundissem união e unidade. É preciso reconhecer que o valor das palavras, hoje em dia, perdeu a sua importância e que sob o golpe da emoção, ninguém teve o coração a bater por tão pouco! No entanto...

Bem depressa, todavia, foi preciso render-se à evidência. Passou-se do “eu sou Charlie”

unânime e emocionalmente espontâneo, ao “sim, sou Charlie, mas...”

Com efeito, bem depressa a cantiguinha pungente do individualismo fácil, e portanto a desunião, se fez ouvir. Corroborando esta ideia de desunião, ouviram-se depressa os “de qualquer modo eles estavam a pedi-las”, face às vítimas assassinadas do Charlie Hebdo, ou os “não se pode aceitar a blasfémia” ou ainda os “de qualquer modo, se não houvesse supermercados *kasher*, não teria havido essas quatro vítimas suplementares”.

Minados pelos comunitarismos por um lado e os corporativismos por outro, muitos franceses meteram-se nas suas conchas, preferindo, logicamente, a facilidade do conforto material às dificuldades da honestidade intelectual. Após o Século das Luzes, a França tinha aprendido a dizer “Sim”. Depois, mais de um século de luta passado, conseguiu instaurar a laicidade.

Mas a laicidade é um combate de todos os dias porque põe toda a gente em pé de igualdade e liberdade, preservando as crenças e opiniões de cada um. Ora, a igualdade e a liberdade são, sem nenhuma dúvida, os dois conceitos mais contestados neste mundo, se bem que muitos nos queiram convencer do contrário.

“Sim, mas” são as palavras potencialmente mais perigosas por serem uma porta aberta a extremismos. É preciso rendermo-nos à evidência de que o

substracto destes “Sim, mas” são os comunitarismos e os corporativismos disfarçados de pseudo valores morais. O “Sim, mas”, pode ser o último passo antes do “Não”. E qualquer que ele seja, um país que diz “Não” é um país que morre porque se fecha a tudo o que é estrangeiro, diferente, e que parece incompreensível. Fechar será sempre mais fácil que abrir. E, no entanto, é preciso estarmos convictos para nos batermos pela abertura, para nunca mais dizermos senão “Sim”, mesmo se seja difícil. É preciso que nos batamos para que as minorias acolhidas nos nossos territórios sejam integradas e não rejeitadas em bairros-guetos onde se vão fechar nelas próprias, radicalizar-se e opor-se.

A laicidade e a liberdade caminham a par. São a base de uma tolerância racional e a recusa consciente e voluntária de desistir face aos extremismos de todo o tipo. Permitem viver em conjunto na consciência das diferenças e do respeito por elas. É muitas vezes difícil e mesmo custosamente suportável. Mas é necessário. E este “Mas” é a prova da nossa Humanidade.

Então, sim, eu fui, sou e serei Charlie.

Jean Rougé

Traduzido por Rui Gonçalves,
Professor Associado da ASSP

A IMPORTÂNCIA DOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO NAS ESTRUTURAS RESIDENCIAIS PARA IDOSOS

Atualmente a existência de Animais nas Residências torna-se imprescindível na adaptação do Idoso à sua nova condição de Idoso Institucionalizado.

Com a nova realidade, a vida muda e o Idoso sofre com uma perda de intimidade com **companhias** humanas como cônjuges e amigos, com a separação dos filhos e de colegas de trabalho e com mudanças nos papéis sociais. Todos esses fatores tendem a reduzir a rede de suporte social ao idoso.

A tendência de viver sozinho, mesmo estando institucionalizado, aumenta e a solidão constante passa a ser uma fonte de Stress e pode ser traumática. Fisiologicamente e Psicologicamente, provocando alterações na produção hormonal, que, em reflexo, altera a função de muitas outras partes do corpo, contribuindo no surgimento ou agravamento de doenças cardiovasculares, neurológicas, psiquiátricas incluindo o agravamento dos estados depressivos e demenciais.

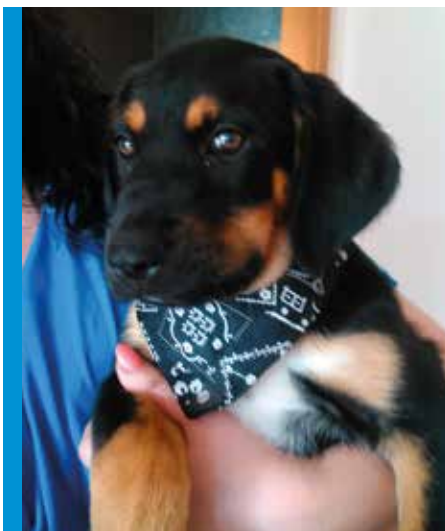
Os animais nas Residências promovem o conforto, a intimidade, a interação, o entretenimento, o sentimento de cuidar traduzindo-se numa diminuição do sentimento de tristeza e de solidão. Os animais assumem o papel de facilitadores sociais, ao reforçar o orgulho próprio e a autonomia dos Idosos, ao distribuírem aquilo que é percebido como amor incondicional do animal, ajudando os mais velhos a desenvolverem o senso de auto-estima ao interagir socialmente, retardando degenerações cognitivas e reabilitando

desordens fisiológicas e psicológicas, proporcionando uma melhoria na qualidade de vida do Idoso.

Assim, o fiel amigo passa a ser aquele a quem o Idoso pode expressar de forma corporal e simbólica os seus sentimentos e pensamentos.

O carinho incondicional revelado pelos animais faz toda a diferença no dia-a-dia dos Nossos Idosos.

Teresa Fernandes



Este é o amigo “Roque” da Residência de S. Roque.

INFORMAÇÃO

A Residência de S. Roque, neste momento, dispõe de um quarto individual para associados que se queiram candidatar.

AGRADECIMENTO

A Direção da Delegação Distrital do Porto foi surpreendida, agradavelmente, pela doação de duas televisões para as salas de convívio dos nossos utentes, contri-

buindo para acalorar o ambiente e para os ocupar nos tempos menos ativos. O nosso agradecimento por este ato de solidariedade. Bem hajam!

NOVOS PROTOCOLOS/VANTAGENS

ÓPTICA TITÃ

R. Álvaro Castelões, 166

4450-038 Matosinhos

Telefone: 229363735/229363736

E-Mail/ optica.titan@gmail.com

A ÓPTICA TITÃ, Lda. compromete-se a atribuir aos associados/as da ASSP um desconto:

- De 20%, na compra de armações para óculos graduados;
- De 10%, na compra de lentes oftálmicas, em todas as marcas e aos preços das tabelas oficiais das mesmas;

OBS: Para os associados/as que aceitem a sugestão da empresa, quanto ao modelo, cor e tamanho terão como **oferta a armação** das marcas: Etro, Rolling, Fendi, Police, Fila, La Perla, Lozza ou Mustang. **Só serão pagas as lentes.**

Outras condições especiais para todos os/as associados/as:

A ÓPTICA TITÃ, Lda. tem uma parceria com o Hospital Privado da Boa Nova com preços especiais para todas as especialidades

João Martins - Psicólogo Clínico/Formador

Gabinete: R. de Custió nº 1823

4465-608 Leça do Balio

Telemóvel: 916269115

E-Mail/ joaofasmartins@gmail.com

João Fernando Martins compromete-se a atribuir aos associados/as da ASSP um valor nas consultas de especialidade fixado nos 30€ / consulta incluindo os serviços de Orientação Vocacional e Profissional, nos serviços prestados considerando a tarifa oficial em vigor, sendo o valor da tabela praticado ao público em geral de 45 € / consulta.

POEMA À MINHA ESCOLA



Poema da autoria da colega Maria da Purificação F. Nunes, associada nº 15914, docente de filosofia e psicologia, mais de 25 anos na Escola Secundária Dr. Ginestal Machado, num tempo em que a comunidade escolar ansiava uma requalificação no edifício, que se apresentava triste e degradado.



*Viste amanhecer a Primavera
nos braços da cidade
libertar-se o grito o gesto e a palavra
pudeste finalmente aprender e ensinar
a liberdade*

*e por dentro dos dias
de todos estes anos
semeaste saberes das coisas e dos homens
saberes sempre inacabados
densos e profundos como os oceanos*

*teimosamente resistindo ao tempo
envelheceste por incúria dos homens
que um dia te criaram*

*para que fosses a catedral do sonho
do livre pensamento*

*onde fermenta a esperança e se bebe o mosto
que fortalece a seiva do entendimento*

*tantos que chegaram e tantos que partiram
alguns para sempre e ainda em flor
de todos guardaste escorrendo nas paredes
os risos e as lágrimas
os medos as certezas e as decepções...*

*deixaste abertas as portas da ternura
para que a vida entrasse e fosse com o vento
em busca de aventura*

*quero-te pedra no provir das coisas
quero-te massa no moldar da mente
quero-te fogo no leito dos afectos
quero-te inteira e firme
de braços sempre abertos*

PERGUNTÁMOS

A ASSP é, como sabe, uma instituição criada em 1981 com a finalidade de apoiar Professores ou seus familiares directos. Inicialmente, tinha como principal objectivo criar Residências para acolher os Professores que o desejassem, após a sua aposentação e com a ideia de viverem em ambiente agradável, usufruindo o máximo dos seus anos. Não se pensava, entretanto, que o tempo passa e as condições se vão modificando. Os primeiros associados, jovens de então, hoje já não o são. Bem pelo contrário.

É assim e sempre será o ciclo da vida. É por isso que a si, caro colega no activo e no auge das suas capacidades, dirigimos esta pergunta:

“O que pensa que deve ser hoje uma instituição como a ASSP e que benefícios gostaria que lhe proporcionasse, agora e no futuro?”

Responderam:

É uma instituição modelo de união e solidariedade entre elementos da mesma profissão, constituindo uma mais-valia para os associados, não só a nível profissional mas também pessoal e deve proporcionar as condições dignas e adequadas a quem necessitar, onde o conforto, o carinho e a dignidade devem imperar.

Deve ser uma instituição aberta aos associados com actividades diversificadas e com preços compatíveis com a situação actual, que mantenha o propósito inicial de acolher e cuidar dos professores aposentados e criar meios de apoio e serviço aos professores no activo.

Deve promover:

- Encontros, debates, experiências e partilha de saberes
- Visitas e viagens
- Workshops em diferentes áreas
- Actividades desportivas e culturais
- Manutenção e Reabilitação física e motora (fisioterapia, ginástica, Pilates, etc.)
- Centro de dia
- Apoio ao domicílio
- Transporte em situação de doença
- Descontos em farmácias, clínicas, etc.
- Formação com auxílio das novas tecnologias
- Entretenimento participativo
- Seguros e outros eventuais serviços

(Nota: Por limitação de espaço, esta é uma curtíssima síntese).

ENCONTRO DE PROFESSORES: OS QUE FORAM E OS QUE SÃO

Num encontro intergeracional, que a todos enriquece, “os jovens”, adolescentes e crianças que integram as tunas da Escola EB 2,3 de Aranguez e da Escola Básica Barbosa do Bocage vieram até à nossa Casa.

Nunca é demais agradecer aos colegas que, cumprida a árdua missão de educadores, não recusam partilhar generosamente momentos de arte e magia contagiantes.



Tuna da Escola EB 2,3 de Aranguez



Tuna da Escola Básica Barbosa do Bocage

INICIANDO UMA NOVA VIAGEM...

O tempo e o lugar

Visita a Marialva, Ruínas do Prazo, Quinta do Vesúvio, Numão, Cedovim e Penedono

Manhã cedo, 6 de Outubro, deixamos Viseu para mais uma visita ao património paisagístico e arquitetónico da nossa região, destino: Marialva, Ruínas do Prazo, Quinta do Vesúvio, Numão, Cedovim e Penedono.

Temos para nós que não precisamos de ir para outro país para descobrir paisagens de perder o



fôlego. A nossa visita iniciou-se pela **Aldeia Histórica de Marialva**, aldeia mágica, que José Saramago testemunha de uma forma exemplar, ao deixar as suas impressões da sua visita no seu livro **Viagem a Portugal**.

De Marialva às **Ruínas do Prazo** demora-se cerca de meia hora (de carro). Trata-se de um sítio lendário, interessante pela multiplicidade de ocupações desde o neolítico antigo até à Idade Média.

Prosseguimos, em direcção à nossa próxima paragem: **Quinta do Vesúvio**. Aqui respira-se vinho e vinhas. A Quinta do Vesúvio é considerada uma das propriedades mais lendárias da mítica “Ferreirinha”, Dona Antónia Adelaide Ferreira.

Próxima paragem – **Numão**, do Vesúvio a Numão distam sete quilómetros. Não há muito tempo disponível para apreciar esta aldeia, as ruas estreitas, de sabor medieval, não permitiram o acesso do autocarro ao castelo.

Do alto do Castelo de Numão avista-se **Cedovim**, (Vila Nova de Foz Côa). Em plena praça central, atentamos na bonita casa (barroca), abandonada e em ruínas – a famosa Casa de Nossa Senhora da Conceição onde se desenrola a história verídica e singular de Ana Ludovina Aguilar, filha de nobres, ricos e influentes proprietários que no início do séc. XIX se apaixonou por Waldron Kelly, um oficial irlandês.

Perante a recusa da família em aceitar esse amor, a jovem fidalga foge, deixando para trás uma vida faustosa, para viver um amor que lhe custou a herança e uma vida de privações..., história que inspirou o romance **“Ana Kelly – Uma Saga de Amor e Coragem..”**

Finalmente, **Penedono**, vila medieval. As fontes documentais mais antigas mencionam esta área à época da Reconquista Cristã da Península Ibérica aos mouros. Terra de Álvaro Gonçalves Coutinho, o cavaleiro alcuinhado de **Magriço**, herói da narrativa dos Doze Pares de Inglaterra, imortalizado por Camões no Canto VI de *Os Lusíadas*. O castelo é a sua referência principal.



Porém, outros pontos de interesse merecem uma visita demorada, não esquecendo o pelourinho, a Igreja matriz, a Igreja do Calvário, a Igreja de S. Salvador e o belo solar onde hoje estão os serviços da Câmara Municipal.



Ceia de Natal

Foi mais um momento de agradável convívio, em que a afetividade, a alegria e o bem-estar se fizeram sentir ao longo da noite.

Depois da saudação musical com que o nosso **Grupo Coral** nos brindou com belas canções de Natal, reuniram-se os mais de 100(cem) participantes – associados, familiares e amigos – em torno de um lauto e saboroso jantar. O local muito agradável, onde decorreu esta ceia, a boa mesa e o conforto foram um aspeto a realçar nesta iniciativa. Partilharam-se momentos de convívio, de animação, de paz..., ao som da bonita voz de uma nossa amiga, que entoou várias canções alusivas à época e de um **Grupo Instrumental**, que iniciou a sua atuação com 4 elementos (guitarra, viola, cavaquinho e acordeão), a que, rapidamente, se foram juntando, de forma espontânea e inesperada, muitos dos participantes, o que desencadeou grande emoção e alegria, ao longo das 4 horas do nosso serão.

Pelos comentários que nos têm sido dirigidos, pensamos que se tratou de um momento que irá fazer parte das nossas boas recordações.

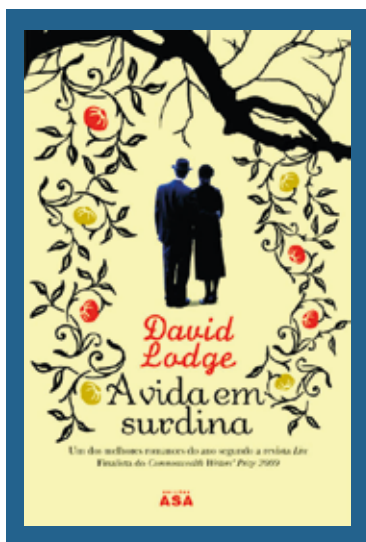
LIVRO DE BORDO

Rui F. M. Gonçalves



A VIDA EM SURDINA, David Lodge

A surdez pode ser uma grande contrariedade. Ou um refúgio. Mas também uma aventura. Entre Outubro e Março, o Professor Desmond enfrenta um turbilhão de acontecimentos que rompem com a pacatez da sua reforma universitária. Nem sempre pela sua doença mas com ela em pano de fundo.



Inglaterra, 2006. “Descobri que estava a ficar surdo há cerca de vinte anos”. É o Professor Desmond Bates que no-lo confessa. Mas sem choradinhos. Analisa-se e perscruta a vida que o rodeia e os que com ele se cruzam. E chega a concluir, com grande dose de auto-ironia que “A surdez é cómica, da mesma maneira que a cegueira é trágica”.

É, pois, um “mouco” que instalado numa vida burguesa à maneira britânica, se vê forçado a deixar as suas aulas de Linguística para aceitar uma reforma antecipada devido à perda progressiva da sua qualidade auditiva.

Mas nunca é um homem deprimido, observa-se, adapta-se às trocas de sons “nas frequências altas” e suporta o cinema onde perde entre 50% a 80% dos diálogos mas sente-se confortável com a televisão por permitir, com o

teletexto, aceder às legendas dos filmes...

Usa aparelhos auditivos nos dois ouvidos mas prefere não os pôr, ou por causa das pilhas que se esgotam ou pelo disparo de som que provocam, de modo que “mastigar os cornflakes e as torradas (...) parece que tenho dinossauros dentro da cabeça a triturarem ossos em som surround”.

É casado pela segunda vez com a sua Fred que possui uma loja de decoração e nem o facto dos proventos dela serem maiores que os dele o desmoraliza. Têm filhos adultos dos respectivos casamentos anteriores.

O pai de Desmond vive em Londres, é viúvo e surdo como ele e mostra já muitas dificuldades em cuidar da sua modesta vivenda e das refeições que inventa.

O dia-a-dia do Professor Bates reparte-se pela leitura dos jornais, pelas idas, quase desnecessárias, à sua Faculdade e pelas refeições que tenta comprar ou confeccionar até a sua mulher voltar para casa, ao fim da tarde.

Um dia, o seu rame-rame é quebrado pela entrada em cena de Alex, uma interessante investigadora da sua Faculdade, na casa dos vinte anos.

Alex prepara um doutoramento sobre ‘bilhetes de suicídio’ (análise do conteúdo dos bilhetes deixados pelos suicidas) e pretende analisar esses textos estilisticamente.

Para um professor interessado na “Análise do Discurso”, o isco de Alex Loom é perfeito: pedir a Desmond “uns conselhos sobre o meu trabalho de investigação”. Reticente, ele acaba por aceitar ajudá-la, a título informal, mas fica inquieto quando ela define o seu apartamento como local de encontro.

60 anos,
Licenciado em
Filologia Românica pela
U. Clássica de Lisboa e Mestre em
Comunicação pela U. Nova de
Lisboa.

Tradutor, realizador e apresentador
de programas de rádio de carácter
cultural e informativo, Professor
do Ensino Secundário Público e do
Ensino Superior Privado.

A partir desse primeiro dia, vão encontrar-se mais uns tantos e Desmond, entre as suas indicações professorais e as dúvidas da rapariga de olhos de “azul intenso”, sente-se atraído numa erótica estratégia de aranha.

Alex não é nada do que parece. Envolve o seu verdadeiro orientador de tese numa chantagem sexual, cai nas boas graças da mulher de Desmond e alimenta até ao fim uma atracção ambígua.

Todavia, o enredo deste livro vai para além das seduções de uma jovem imparável. É mais do que isso. Cruzam-se com elas, dolorosas reflexões sobre a doença e a morte, as esgrimas familiares, as invejas do meio académico britânico e até a visão dos campos de extermínio de Auschwitz. Tudo nos cinco meses da vida “pacata” de Desmond Bates.

E como se fosse preciso mais para prender o leitor, ainda nos brinda com um humor fino e delicioso.

O AUTOR

David Lodge nasceu em Londres, em 1935. Estudou literatura e doutorou-se na Universidade de Birmingham, onde ensinou até 1987.

Hoje dedica-se por inteiro à escrita. É um dos mais relevantes escritores da literatura inglesa contemporânea.

Escreveu teatro, ensaio e ficção. Nesta última, destacam-se os títulos “A vida em surdina”, “Longe do abrigo”, “Um almoço nunca é de graça”, “Terapia”.

PROFESSORES E SOLIDARIEDADE

INVENTAR NOVOS CAMINHOS

Habitados que estamos a tentar clarificar ideias e conceitos, não chegaríamos, certamente, a bom porto se fôssemos à procura de como definir solidariedade, classe e comunidade. Fiquemo-nos, antes, pelo senso comum do que possamos entender pelo binómio solidariedade e cidadania. No desempenho da sua profissão e ainda que não tenhamos de descer a situações concretas, exerce ou não o professor uma verdadeira e autêntica solidariedade? Solidariedade para com quem? Para com os alunos, para com a sociedade, para com os outros professores, para consigo próprio?

É hoje aceite que o comportamento do Homem assume duas vertentes: uma altruísta, outra egoísta. Santo Agostinho já formulara esta dicotomia ao considerar *amor socialis e amor privatus*. É igualmente aceite que o ser humano é capaz de simpatia que podemos entender como a capacidade natural do homem, inerente à vida em sociedade, de se colocar no lugar do outro. Esta capacidade é ultrapassada por uma outra, empatia - a capacidade para responder com uma emoção adequada ao estado mental e afectivo do Outro. Talvez possamos situar a emergência da Solidariedade na interligação destas capacidades humanas as quais provavelmente contribuíram de forma positiva para a socialização.

Levados que somos pelo mais concreto e visível, associamos, frequentes vezes, a solidariedade à satisfação das necessidades situadas na base da pirâmide masloviana; assim será para o receptor do acto solidário, enquanto sujeito passivo. Porém, a solidariedade activa pode responder ao desejo intrínseco de desenvolvimento pessoal do ser humano, associado a necessidades de estima e de auto-realização. William James dizia que no centro da personalidade humana, está a necessidade de ser apreciado. Às necessidades de estima, sobrepõem-se necessidades de auto-realização e, mesmo, de doação. Quando os voluntários doam o seu tempo - e as Instituições de Solidariedade são a expressão viva do trabalho gracioso de multidões de voluntários, atinge-se o topo da pirâmide.

Dizer-se que a escola de hoje é muito diferente da escola de há alguns anos atrás passou a lugar-comum,

mas não deixa de ser verdade. A par das difíceis condições em que muitos Professores desempenham e exercem a sua actividade, perderam-se, em paralelo, algumas âncoras em que os Professores se apoiavam, com realce para a partilha e para o convívio que a própria escola facultava. Muito do sofrimento do professor de hoje é vivido a sós e, nem sempre, suplantado e sublimado. Até há pouco, a solidariedade entre os Professores era vista numa linha vertical, isto é, a pensar quase em exclusivo na garantia duma vida digna dos últimos anos. Há que encontrar linhas de horizontalidade nestes momentos do tempo presente que somos chamados a viver e a viver em solidariedade, a começar naqueles que, connosco, partilham a mesma função.

A Associação de Solidariedade Social dos Professores tem condições e um vasto capital de experiência para inventar novos caminhos, assumindo-se como a via mutualista na vida dos Professores capaz de respostas criativas para as actuais condições de vida.

Recentemente, uma jovem empresa portuguesa ligada à inovação e liderança, afirmava em campanha publicitária que, relativamente ao crescimento da economia, duas posições antagónicas se podem assumir: uma perspectiva cartesiana - projectando o futuro com base no conhecimento do passado e por isso com crescimentos marginais, e uma perspectiva quântica incorporando a invenção de novos caminhos, hoje desconhecidos, com crescimentos exponenciais.

Compete-nos a todos nós, Professores, assumirmos essa perspectiva quântica, também a nível da solidariedade.

João Peres

Ana Maria Morais

Este texto pode também ser lido no site da Porto Editora www.educare.pt na rubrica Testemunhos: A palavra a... <http://www.educare.pt/testemunhos/artigo/ver/?id=33422&langid=1>



CONGRESSO ASSP 2015

*Nós Professores.
Habitar o Futuro.*

ÉVORA

21-22-23

Maio 2015

Palácio Dom Manuel
CCDR Alentejo

Inscriva-se
Já

congresso.assp@gmail.com
<http://congresso.assp.pt>

Palestrantes Convidados

Albino Lopes
Carlos Fiolhais
Eduardo Marçal Grilo*
Ivone Patrão
Joana Santos Rita
José Barata Moura
José Mariano Gago*
Júlio Pedrosa
Maria Filomena Mendes
Maria do Rosário Gama
Mariana Valente
Onésimo Teotónio de Almeida
Ricardo Araújo Pereira*

*a confirmar

Formadores

Manuel Luís Catela Borrões
Maria Isabel Macedo Fernandes
Maria Paula I. F. Colares Pereira dos Reis
Mariana de Jesus Pedreira Valente

Comissão de Honra

Guilherme Oliveira Martins • António Costa Dieb • Carlos Pinto Sá • Ana Costa Freitas
João Pedro Castel-Branco • Fernanda Carvalho Ramos • António Amaro Correia



CÂMARA
MUNICIPAL
DE ÉVORA



Porto
Editora

revigres®
DESIGN EM CERÂMICA



ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL DOS PROFESSORES